



NAQUELA PRAÇA

Jornal AFATO, Belo Horizonte, setembro 2001.p.4.

Gervásio Horta

Compositor, músico e membro honorário da Academia de Letras de Teófilo Otoni

Nas tardes de agosto, o vento que vinha do Veneta servia também para impulsionar as hélices dos cataventos dos brinquedos de madeira que os presos da Cadeia ofereciam, através das grades, às pessoas que passassem pela rua dos Cavacos.

“À tarde as coisas querem calar, caminham para o silêncio; diferente das manhãs, em que elas querem falar”. São palavras do grande Chico Amaral, que servem para explicar o clima de nostalgia que sinto quando lembro das coisas da Praça da minha mocidade.

Tudo era diferente. Rapazes sentados na mureta do prédio do Correio acompanhavam, com olhares de desejo, os passos das moças que surgiam na calçada da rua Direita, algumas nem tão direitas assim: as que deixavam a Chico Sá, aventurando-se pela rua Nova em direção ao Mercado.

Nos jardins, lembro que as preguiças e os bem-te-vis disputavam os galhos das árvores, enquanto os poucos bancos de cimento eram ocupados por casais de namorados, dispostos a ouvir o serviço de auto-falante do Lourival Pechir, tocando, preferencialmente, as canções MARIZE, com Alcides Gerardi e NORMALISTA, com Nelson Gonçalves. Abro aqui um parêntese: alguém me disse, certa vez, que esta era a maneira secreta usada pelo Pechir para conquistar uma normalista de nome Marize. A conferir.

As portas da Prefeitura fechavam às cinco. Mas o andar de cima permanecia aberto à espera de mais uma reunião da Câmara dos Vereadores, mesmo local onde eram realizadas as sessões do júri, quando o Dr. Bráulio, João Prates, Pedro Paulo Otoni, Rui Campos, Tote, Hercílio Pinheiro, Olien Guimarães, Patrício Gomes e Dalton de Oliveira podiam exibir talento e oratória em defesa de causas conflitantes.

A cidade era calma e quente. As notícias vinham pelo rádio ou jornais de muitas vésperas. Os visitantes chegavam de Caravelas trazidos pelos trens da Bahia-Minas, às vezes com roupas perfuradas por fagulhas de lenha lançadas pela chaminé da locomotiva. Na Rio-

Bahia os paus-de-arara desciam do Norte, empoeirados e empoleirados nas carrocerias dos caminhões. Todos costumavam aparecer na Praça com ofertas de bugigangas e conversas de pequenos negócios.

O tempo corria solto, no aguardo da descoberta de alguma pedra grande. E para quem descesse até a sapataria Futurista, do Ari Generoso, seria fácil encontrar o Napoleão, Joaquim de Sadi, Lídio, Tó, Rubão e Caititu tramando novas jogadas para o time do Atlético futebol Clube, confiantes de que a fábrica de Dona Maria e Seu Olímpio Caldeira estaria sempre em atividade para lançar craques como Antônio, Gilberto, Nilson e Beguinha.

A vida mudou. A nossa Praça Tiradentes, espremida entre o morro da Matriz e o morro da Caixa D`água, ganhou outro visual. Não é a mesma. Ficou moderna, como garante o titio Getúlio Barbosa e o Veraldino Ramires. Mas todos, dos velhos tempos de guerra, concordam que nunca mais vai existir refresco de groselha igual ao do bar Vitória e biscoito *fafecurne* como o servido na antiga Padaria Agostinho Marx. Nunca mais.